



<https://doi.org/10.51880/ho.v26i1.1370>



A palavra como política e a história oral de Michel Marie Le Ven

Ricardo Santhiago*

ORCID 0000-0001-5318-5801

Universidade Federal de São Paulo, Instituto das Cidades, São Paulo, Brasil

Resumo: Esta entrevista, gravada em 2012, registra as lembranças e experiências de Michel Marie Le Ven com a história oral. Nascido na França e chegado ao Brasil em 1965, Le Ven a mobilizou enquanto professor e pesquisador na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mas também em outras instâncias de sua vida pessoal e política.

Palavras-chave: História oral. Ativismo. Sociologia política. Ciências Políticas.

The word as politics and the oral history of Michel Marie Le Ven

Abstract: This interview, conducted in 2012, records Michel Marie Le Ven's memories and experiences with oral history. Born in France and arrived in Brazil in 1965, Le Ven mobilized oral history as a professor and researcher at Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), but also in other instances of his personal and political life.

Keywords: Oral history. Activism. Political sociology. Political sciences.

Apresentação

Em janeiro de 2021, a triste notícia chegou: Michel Marie Le Ven havia falecido. Aos 89 anos de idade (ele completaria nove décadas em outubro), talvez seu corpo já

* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). E-mail: ricardo.santhiago@unifesp.br.

não comunicasse o homem tão forte e aguerrido, embora sempre sereno, que fora em seu exercício público por décadas. O mal de Alzheimer o havia acometido há alguns anos e sua presença na arena política e acadêmica se enfraquecera paulatinamente.

Na Associação Brasileira de História Oral (ABHO), da qual ele foi sócio e em cuja administração se envolveu, foi possível prestar-lhe uma pequena, mas verdadeira, homenagem, dando seu nome ao Prêmio de Reconhecimento em História Oral, criado para celebrar figuras de relevo no desenvolvimento intelectual e institucional da área. Fazer de seu nome lugar de memória significou também *reconhecê-lo* – gesto que ele sempre fez em sua vida, como afirmação de si e do outro, e de si como outros muitos e diversos.

Em 2012, tive a oportunidade de visitar sua casa, em Ribeirão das Neves, perto de Belo Horizonte, para registrar suas lembranças. Foi uma das entrevistas que fiz para minha tese de doutorado sobre a história da história oral no Brasil – uma outra, com Carlos Humberto Pederneiras Correa, já foi publicada nesta mesma revista (Santhiago, 2015). Meu objetivo, portanto, era investigar a participação de Michel no movimento brasileiro de história oral. Tendo conversado com ele em algumas ocasiões, nos cinco anos anteriores, eu já sabia, porém, que o diálogo se estenderia para além disso.

Foram quase quatro horas de encontro, apenas parcialmente gravado – característica, aliás, que retenho na edição abaixo, que tem a entrevista propriamente dita como o eco de um diálogo imediatamente anterior. Nesse período, Michel relatou sua vasta e variada vivência com a história oral – que parecia ser, para ele, uma espécie de experiência de escuta (caracterizada, esta, pelo registro) que se colocava num grande contínuo de outras escutas. Ele ouviu as histórias dos outros na qualidade de pesquisador, mas também de padre, de professor, de ativista, de formador político, e até mesmo de ouvidor da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais.

Pressupondo e defendendo o contato com a história do outro – e dos outros com suas próprias histórias – como uma experiência transformadora para o indivíduo e sua coletividade, ele perseguia as realidades das pessoas e dos grupos enfraquecidos, realidade que sonhava transformar. Relativamente alheio às pressões acadêmicas, pôde mergulhar mais profundamente nessa ambição transformadora após sua aposentadoria como docente da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 1996. Antes disso, ele havia trabalhado em um projeto pioneiro envolvendo histórias de vida, coordenado por Jorge Balán no início dos anos 1970, e se tornado mais tarde, em 1989, um dos fundadores do Programa de História Oral, no Centro de Estudos Mineiros (CEM) da UFMG.

Mais recentemente, Michel desenvolveu reflexões sobre a história oral como um método dentro das abordagens interventivas da sociologia clínica – práticas que se arriscam, abrindo-se para o mundo, segundo ele, e produzindo cuidado em si e no outro. Mais *falando* sobre história oral do que *escrevendo*, Michel teve essas reflexões reunidas no livro significativamente intitulado *Afeto e política*, também significativamente

produzido oralmente e em colaboração (Le Ven, 2015). A publicação desta entrevista é mais uma oportunidade de lembrar, conhecer e reconhecer a visão *sui generis* sobre a história oral legada por Michel Marie Le Ven.

Entrevista

Michel Marie Le Ven – [...] um medo de enfrentar a fala dos outros e, com isso, de se colocar também na situação de ouvinte que cria o saber a partir disso. Talvez seja a questão fundamental. Você pode me interromper, tá?

Ricardo Santhiago – Tá...

MMLV – Eu vou tentar colocar um pouco a nossa experiência, primeiro a experiência pessoal. Eu fiz Filosofia, Teologia, lecionei Teologia em Lyon, passei quatro anos em Roma. Não sou historiador, também. Mas eu vi tanta história escrita e falada através dos monumentos... Fui guia de grupos que vinham [visitar Roma e] a pergunta das pessoas era: “Mas e daí?”. Então, você tenta fazer viver as ruínas de Roma, porque a história passou por lá.

Eu não tinha lido na época um texto do Michelet, o historiador. Você conhece a história, né? Ele pediu para – [como ele ia] perder a cabeça na revolução – “Me deixem pelo menos andar na campanha francesa para saber por que os camponeses, por exemplo, queimaram castelos, o que eles achavam...”. E ele ganhou dois anos, por causa do pai dele, inclusive, conversando com os camponeses, com os que tinham resistido. Ele voltou para Paris e a Biblioteca Nacional já estava cheia de papel! E ele teria falado – acredito que é verdade, né? –, olhando para os arquivos que tinha lá: “Eu farei vocês falarem”. Porque ele tinha visto como esses textos tinham sido produzidos, quais foram os pequenos jornais que incentivavam... Então, eu atribuo – a história oral, é depois que você descobre isso, a história oral é também várias linguagens. É o gesto, a narração... E a história também é escrita a partir de falas. Quem escreveu as guerras de César não esteve na guerra. Alguém contou pra ele. Então, isso atiçava a minha curiosidade e minha insatisfação com... Eu fui padre, né?, com estudos em Roma. Então, tudo que era da Idade Média praticamente era o mesmo curso do que eu tive. E também depois eu estava na França num período muito conturbado, final da guerra da Argélia. Começaram a ser conhecidas as torturas, a ação psicológica que o exército francês tinha inventado, né? E tive alguns problemas políticos lá também, mas eu recebia, depois, gente que não conseguia falar. Rapazes de 23, 24 anos, que tinham passado três anos na Argélia, queimando aldeias... E o problema deles é que eles não conseguiam expressar o que eles tinham vivido. Aos poucos eles conseguiam. Então, esse fato é pra te dizer que sempre me interessei pelo silêncio e pela fala. Isso é

fundamental. Na ciência, isso não é [propriamente] combatido, mas é considerado como uma fonte menor. Daí tem gente que faz história oral como fonte – para confirmar ou infirmar uma verdade histórica ou científica. Então, essa questão [para mim] é anterior à [expressão] história oral.

RS – Esses rapazes te procuravam como padre também?

MMLV – É. Como padre. “Diretor de consciência”. Você imagina: gente que ia ser ordenado padre, no cabo de quatro anos de teologia, com todas as matérias, e que tinha sonhos e pesadelos horríveis, que vinha bater na minha porta às quatro horas da madrugada. Eles tinham pego gestos – qualquer barulho à noite era pegar a metralhadora... Eu tinha 30, 30 e poucos anos, mas também eu vivi todas as guerras. Sou de [19]31, então eu falo que eu sou um filho da guerra.

Então, isso me marcou muito. Tanto que eu vim para o Brasil, mandado aqui pra abrir a Casa de Filosofia e Teologia da congregação à qual pertencia, e continuei um pouco o trabalho que fazia na França. Aqui me pediram pra assumir a Assistência Religiosa da Juventude Operária Católica [JOC], que trabalha com o método “ver-julgar-agir”,¹ que evidentemente é também um trabalho de oralidade. Depois fiz até análise – ali a parte oral é fundamental para a saúde e para a história também. E, então, no Brasil eu cheguei em [19]65, e em [19]68 então teve a prisão e fiquei na mão do exército até outubro de [19]69.

RS – Você veio aqui pra Minas Gerais já?

MMLV – Já... Praticamente vim direto pra Belo Horizonte. E, talvez porque a gente tem uma certa teimosia, fui expulso formalmente quatro vezes. Até 1975, com [o presidente João] Figueiredo. E eu tenho o pedido de *habeas corpus*. A grande crítica [dos militares] é: “Porque ele fala. Fala coisa que não deve falar. Ele vem para perturbar a juventude aqui com apátride [*sic*], que não tem amor à pátria”. Depois pedi a redução ao estado leigo, por vários motivos, e eu tive – devo ter sido um dos últimos do Papa Paulo VI, que liberava dos votos quem quisesse.

Casei com brasileira e tentei continuar a mesma coisa, mas eu assumindo [pessoalmente] o que falava, né? Porque a Igreja se retirou bastante. Pela minha experiência, eu já era o responsável por uma comunidade de estudantes de Filosofia e Teologia. Eu era professor, além de fundador dessa casa, que ia ser a casa de formação dos religiosos da congregação brasileira. Então eu fui preso, não sabia o que fazer... Mas queria ficar aqui. Tive a sorte de ter esse acordo entre os bispos e os generais: o exército, que tinha o MEC nas mãos, permitia a quem tivesse estudado em seminários da Igreja Católica,

¹ “Ver-Julgar-Agir” é um método criado nos anos 1920 pelo padre belga Joseph Cardijn, constituído de três passos: a constatação das dificuldades na realidade concreta, sua análise à luz do Evangelho, e a subsequente adoção de estratégias de transformação. Ele é considerado uma das inspirações para a Teologia da Libertação.

e também os pastores protestantes, ter direito ao bacharelado em filosofia com um exame. Foi o exército que me salvou. Como eu tinha a láurea de Roma, fiz provas durante uma semana, tirei boas notas em tudo, e de repente era bacharel.

RS – Você ganhou o título.

MMLV – De bacharel. Eu já tinha trabalhado nas favelas do centro de Belo Horizonte e tinha sido incentivado por um casal argentino: [Jorge] Balán e Elizabeth Jelin, que ainda escreve. Eles foram contratados aqui no mestrado [de Ciência Política da UFMG] que tinha acabado de ser criado pela Fundação Ford – você vê todas as contradições que tinha, né? [risos]. Foi ela que me ensinou a base da sociologia científica. Foi muito bom! E o Balán lançou uma pesquisa – inclusive a Ligia [Maria Leite Pereira, socióloga e professora aposentada da UFMG] estava junto e sabia fazer pesquisa. *Eu* não sabia, achava que não sabia. Mas o Balán me contratou e falou: “Não... Você tem tanta experiência!”. A pesquisa se chamava “Estratégias de sobrevivência das classes populares”, ou das classes baixas, uma coisa assim – era a linguagem que se usava.² O Balán me falava: “Escreva a sua vida. Você passou três anos nas favelas”. E então fui. Eu não sei como que eu escrevia, mas tinha feito um curso de português em São Paulo que me ajudou muito. E então fui, respondendo as formas de sobrevivência das famílias. Eu, inclusive, casei com uma mulher que morava na favela. Então todos os meus preconceitos caíram! E eu já tinha a experiência de uma resistência, na França, frente ao exército da Argélia! Então, aqui consegui fazer, estar presente com eles [moradores das favelas], e escrevi, até, esse texto... Quando fui reler isso há pouco tempo atrás, não é que falo de história oral e de vida? Eu falei: “Gente...”. Isso foi escrito em [19]72.

RS – É esse aqui, na revista *Práxis*?³

MMLV – É isso mesmo. E então o Balán [vendo o texto escrito] me falou: “Você viu? Você escreveu!” [risos]. “Você ouviu muita gente, viu muita coisa: é isso que é uma abordagem sociológica, hoje, das classes populares. Como é que você vai escrever como [eles] resistem se não vai perguntar pra eles, se não vê isso concretamente, fazendo?”. Também sempre fui muito atento à cultura – cultura no sentido de como pensar, como se expressar, como não dizer, como contar...

Enfim... Então, para te dizer, a minha história, quando me convidaram para [participar do Programa de História Oral da UFMG]... Nós éramos muito amigos da Lucília

² Jorge Balán, então consultor da Fundação Ford, estimulava e coordenava pesquisas sobre realidades urbanas nas cidades em que acompanhava a instalação de programas de pós-graduação. Sua experiência com essas pesquisas dá origem ao livro sobre história de vida como método de pesquisa qualitativa que se tornou uma referência na América Latina: *Las historias de vida en ciencias sociales* (Balán, 1974).

³ Trata-se do artigo “Estudo de seis favelas e quatro bairros populares de BH” (Le Ven, 1975).

[de Almeida Neves], fui orientador da tese de mestrado dela.⁴ Continuo com uma grande amizade com a Ligia também, mas com caminhos não totalmente paralelos. Então, como que isso depois se chega à história oral? A minha tese de mestrado não foi publicada porque eu não conseguia publicar até 2000. Quando virei brasileiro isso me deu mais segurança, mas gastei 30 anos pra conseguir a naturalização. Tendo sido preso e nunca terminado o processo, todas as vezes que chegava ao Brasil, e mesmo no tempo do Sarney, e tudo, ah!, eu não conseguia. Cheguei em [19]65 e em [19]95 consegui porque teve uma amiga que tinha uma amiga que trabalhava no Ministério da Justiça, e um belo dia que o Ministro devia [despachar], ela me pôs em terceiro [lugar].

RS – Mas o que a sua naturalização tem a ver com a publicação ou *não*, com o fato de você...?

MMLV – Estrangeiro é sempre estrangeiro, mesmo na universidade federal. Ainda ouvi: “Ah! Michel, apesar de ser estrangeiro...”, “Apesar...”. Outros falavam: “Oralidade? Isso aí é estudo de padre”. Outros falavam assim: “Isso não é científico. Michel é mais um militante do que um cientista”. Então, me dediquei à minha tese de mestrado, que é sobre a fundação de Belo Horizonte. Gostei demais! Eu também procurava uma identidade – estava em Belo Horizonte e tinha que saber qual que era o meu lugar aqui. Então, passou. Entro na UFMG pela pequena porta, e na UFMG me sinto em casa. Eu tinha sido expulso duas vezes da Universidade Católica por outros motivos, então [na UFMG] me senti melhor. E logo comecei a pesquisar também.

Da Ciência Política, eu entrei muito na compreensão da Ciência Política como ciência do cotidiano. Isso me dava uma estrutura, e eu achei o meu campo na Ciência Política. Criamos um grupo que acabou caminhando, até que... Eu mexia muito com movimento sindical, ia muito a São Paulo, no Cebrap, com [Claude] Lefort, José Álvaro Moisés e mais gente, muito amigo, que era sempre também entre a militância... Tem um francês também que é muito meu amigo, que me ajudou demais, demais mesmo – Robert Cabanes, que acabou de publicar mais um livro sobre essas famílias operárias. E então eu tomei uma certa segurança. Em [19]81, podia até ir para a França, mas sair do Brasil quando ficava mais interessante? Eu falei: “Ah, sair não”. Tinha já dois filhos. Acabou que ficamos aqui. Então, eu fui o primeiro a frequentar o ônibus à noite, duas noites pra ir a São Paulo, assistir aulas.

Eu me dava bem com esse tipo de doutorado, que [era] poucas aulas e muita pesquisa. Devo muito a isso. Então, relacionado com história oral, eu tinha tido muita participação [política] onde havia grandes fábricas. Era meu sonho na época conhecer esse mundo – não só do sindicalismo, mas a questão do trabalho, do cotidiano da fábrica. Frequentei [o município de] João Monlevade durante muitos anos, virei até

⁴ Lucília de Almeida Neves é historiadora e professora aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais. Sua dissertação de Mestrado em Ciência Política intitula-se “Comando geral dos trabalhadores no Brasil (1961-1964)”, tendo sido defendida em 1979 e posteriormente publicada em livro (Neves, 1981).

cidadão de João Monlevade. E a Fiat daqui, a primeira fábrica, e a única até hoje, não deixa entrar ninguém, né? Então fiz, frequentei, acompanhei, e queria cotejar a vida do trabalho e o lugar do trabalho na vida da gente que se tornava sindicalista. Veio, aliás, um grupo de São Paulo muito interessante, que me ajudou muito relacionando o trabalho e [a] fala [do trabalhador]: o que é que eles dizem deles mesmos?

Em [João] Monlevade eu não tinha nenhum problema porque os operários, na época, eram os “donos” da fábrica. Isso terminou em [19]86, quando mandaram dois mil embora e então acabou a comissão de fábrica. Eles é que faziam a vida da cidade, também. E então [veio] o processo fordista da montagem de carro. E como que eu ia fazer essa pesquisa? Ia fazer do jeito que achava que podia fazer, que sabia fazer: tinha muitos depoimentos dos operários, tinha todos os jornais formais e clandestinos das greves, tinha coisas que os operários, inclusive os paulistas, tinham inventado na Fiat, que era escrever o diário no trabalho, denunciar as condições de trabalho que não podiam ser assumidas, colocar no jornal do sindicato. Eu tenho isso ainda. Claro que tenho... E agora, quando releio, eu fico impressionado: como que a gente conseguiu isso de [19]82 até [19]84? Então, de fato, eu não falava de história oral. Eu falava de “entrevistas”, que é e não é história oral.

O José Álvaro Moisés não apreciou muito a minha tese, né? Me deram 10 no exame de qualificação, só que o José Álvaro Moisés veio e me falou: “Michel, se você falar tudo o que você falou aqui na qualificação, você vai ter problemas. Você não pode dizer assim, simplesmente, que tem um saber que se produz a partir do trabalho”. Depois, quando ele viu o resultado final, falou: “Mas você fez uma coisa muito boa”. Eu sei que dei um jeito e ele convidou todos [para integrar a banca de defesa]: Leôncio [Martins Rodrigues], [Claude] Lefort, [Maurício] Tragtenberg. Tragtenberg que me salvou, sabe? [Ele disse:] “Vocês não estão vendo que é isso que é a vida nas fábricas?” Mas foi bom.⁵

RS – Você gravava essas entrevistas?

MLV – Não. Acabei, no final, gravando. Mas... ia, por exemplo, na Fiat, antes ou depois de uma greve, e ouvia muita coisa. Anotava tudo, com autorização deles. Ouvia uma frase no sindicato sobre o processo de trabalho, esse saber que eles tinham, por exemplo, pra inventar outras formas de [trabalhar]... Porque o processo que chegou aqui foi muito rígido. Era o fordismo puro. E eles estavam resistindo. Então isso facilitou muito, porque eles escreviam para o sindicato. Era publicado pelo jornal do sindicato. Você pode me falar: mas não é oral. Mas é fala, né? Fala-escrita. Eu tenho que publicar o livro, até para nós, hoje, [sabermos] em que mundo a gente estava em [19]80, nas fábricas, no mundo, o que vivemos hoje. É todo um universo que... [era um] mundo de esperança, que hoje é difícil. Hoje não tem mais. Ninguém fala de trabalho. Fala de emprego. Mas um trabalhador que *sabe*, que *tem um saber*, é difícil – é mais fácil falar

⁵ A tese de doutorado de Michel Marie Le Ven, defendida em 1988, intitulou-se “Trabalho e democracia: A experiência dos metalúrgicos mineiros (1973-1986)” (Le Ven, 1988).

que *tem um saber* quando é artesanato, quando é trabalho no campo. Mas na fábrica, não. Leôncio também não gostou muito.

Mas enfim, foi feito. A tese terminei em [19]87, [em] [198]8 fui pra França. Já tinha muitas relações... E eu vi lá que já estava se falando um pouco abertamente disso [de história oral]. Na França não tem associação nacional de história oral como tem aqui, mas tem o Instituto do Tempo Presente. Você conhece a Sociologia Clínica?

RS – Conheço.

MMLV – Tem essa revista [*Tumultes*] e esses cadernos [*Cahiers du CEDREF*] aqui, Laboratoire du Changement Social et Politique da Paris 7. Essa revista [*Tumultes*] parou [de ser publicada] – tudo é difícil nesse campo. Mas o que me impressionou mais é que [na Sociologia Clínica] você faz a história oral dos oralistas. É extremamente interessante, sabe? Mas então, em [19]89, quando veio Lucilia para me dizer “você tem que entrar no grupo que estamos criando agora”, eu falei: “Graças a Deus! Até que enfim!” [risos]. Íamos ter um lugar para poder [desenvolver a história oral]. Então ampliamos o projeto. Provavelmente você já sabe um pouco a história desse grupo.⁶

RS – Eu queria que você me contasse também, Michel, mas antes queria saber uma outra coisa sobre sua pesquisa de doutorado. Além dessas circunstâncias institucionais da universidade, ainda era período de ditadura militar. Rumando para a abertura, mas mesmo assim. Era difícil? Ou as pessoas falavam?

MMLV – Era interessante. O processo da siderúrgica, trabalhar em fábrica de ferro e de aço, é um processo contínuo. Uma fábrica de aço nunca para. Isso cria uma solidariedade entre os trabalhadores – por ideologia, por militância e também porque o processo exige isso. Você não vai brincar de fazer uma bobagem perto do alto forno. Alto forno é um calor, essa coisa enorme... Mas pior a isso é a trefilaria: ter essas barras incandescentes, que hoje chegam a 25 metros, 30 metros. Então implica um saber coletivo extremamente importante.

Quando visitamos [a fábrica] em [19]82, com franceses que vieram aqui, eles ficaram encantados. Quem nos recebeu na porta pra visitar a fábrica, de capacete de operário, foi o presidente do sindicato. Passou a manhã para nos dizer as coisas que... porque nenhum militar se pretendia. Eles [os operários] têm um poder, [porque] estourar um tufão [da] trefilaria. Enfim... é outro mundo. Então, isso que [eu] queria mostrar. Tem que respeitar não o trabalho abstrato, mas esse, que supõe uma aprendizagem. Mas a aprendizagem tem um ano de curso técnico e o resto é formado pelo pai, pelo...

⁶ O Programa de História Oral foi criado em 1989 no âmbito do Centro de Estudos Mineiros, iniciativa interdisciplinar de pesquisa da UFMG. São fundadores do programa, além de Le Ven e Neves, os sociólogos Otávio Dulci, Celina Albano e Ligia Maria Leite Pereira e as historiadoras Thaís Cougo Pimental e Regina Helena Alves da Silva. Ver mais em: Shikida (2005); Santhiago (2013).

Também têm famílias [envolvidas]. Siderúrgicos, a maioria são negros. [Tem] tradição. Eles vão da CSN, do Rio, que hoje é privatizada, para a Usiminas, para a Açominas, e passam a vida lá dentro! Claro que há outros meios de criar uma consciência coletiva. É o que foi [com] o pessoal do ABC. [...] Mas então, a minha tese de doutorado, relendo hoje eu falo: bom, é um trabalho de história oral.

RS – Mas essa expressão, história oral, você se lembra de quando ouviu?

MMLV – Devo ter ouvido na França. Tanto que escrevi em [19]71 esse texto da *Práxis*. E me veio isso, né? Depois, quando eu fui reler, há poucos anos, falei: gente, mas de onde vinha isso? Devo ter ouvido... Na verdade, não seria eu a inventar isso de [história oral]... Agora, história de vida pra mim era muito mais fácil. Porque história de vida você *pode* pegar através de entrevistas, só que não é *só* entrevista. Ela é o ponto de partida, é uma parte fundamental.

Então, a partir de [19]89, você deve conhecer a história, ganhamos [o Programa de História Oral da UFMG] uma sala. Eu tinha muito trabalho na época: estava terminando a tese de doutorado, tinha muita coisa atrasada... Mas fiz as entrevistas de uma fábrica de tecelagem com a Lucília.⁷

Ao mesmo tempo, eu dava assessoria na Escola Sindical 7 de Outubro, porque criamos um contrato, reconhecido [pelo] meu departamento, entre a UFMG e as instituições sindicais. Foi um tempo na década de [19]80... Foi uma década interessante, viu? Então, eu podia passar três tardes na Escola Sindical consideradas como sendo meu trabalho na universidade. E depois fui chamado para implantar a história oral na Escola Sindical.

E uma coisa importante que eu gostaria de salientar é que a metodologia de história oral não é qualquer coisa. Não é só ter um gravador e colocar isso na frente e a gente vai aprendendo... Os historiadores têm medo dos que são importantes de fato para praticar a história oral [com eles]. [História oral] é história de gente, mas é também uma história que tem uma técnica, que tem regras. E você vai aprendendo, então, a... a seguir as regras. Eu tentei colocar isso na introdução do livro sobre o Dazinho.⁸

Também foi um ano de trabalho. Eu conhecia o Dazinho desde que cheguei no Brasil. Ele tinha sido preso, ele era da JOC e eu entrei – outra geração da JOC e tudo. A gente também estava montando um acervo, então, no início, corremos pra fazer as entrevistas. E eu aprendi muito... muito... Inclusive escrevemos um texto, quem tinha feito a entrevista com o Dazinho, que apresentamos no encontro de [19]96, em Campinas.⁹ Acho que esse pequeno texto pôs as cabeças assim pra [funcionar]. Pode-se dizer que na época tinha gente que praticava história oral como fonte – [como] o CPDOC, apesar [de estar] generalizando. Tinha outro tipo, a Ligia, com um rigor

⁷ Ver: Neves e Le Ven (1991).

⁸ Ver: Le Ven (1998, 2005).

⁹ Ver: Le Ven, Faria e Motta (1997).

sociológico, insistindo mais sobre a transcrição, e depois que se aposentou ela também caminhou para escrever livros sob encomenda, virou uma especialista nesse [nicho]. Só que eu não... não caminhei nessa linha. Continuei primeiro com as classes, não vou dizer as classes baixas, mas as que tinham coisas que eu achava que... que me dava mais com isso, com ciência política. Eu gosto de política.

RS – Você falou de uma linha da história oral como fonte, de uma linha mais sociológica... E qual é a sua linha, então, Michel? Como você fala sobre ela?

MMLV – Você me pega, né? [risos]. Dá vontade de falar: então leia Bourdieu e você vai ver [risos]. Eu teria tendência de [dizer que é] uma... uma história dos vivos. Dos que falam, dos que pensam, dos testemunhos. Todas palavras difíceis, né? O que é que é testemunha, o que que é...

RS – Palavras que são mais que palavras.

MMLV – É, isso é... Já aposentado, em 2002, teve uma febre de amigos que queriam [discutir] o que era história oral de vida e o que era algo terapêutico. Eu trabalhei [nisso]. Eu sou do grupo de sociologia clínica desde [19]95, então as duas coisas para mim se complementaram. Pode ser o fato de ter tido uma vida – não é perturbada, mas assim, infelizmente aconteceu: separamos, deu problema na separação e fiz três anos de análise. Não sou psicanalista nem psicólogo, mas eu li muito. Então também tinha uma leitura [sobre] uma história oral de vida que tem também o objetivo político de cuidar dos indivíduos, cuidar das pessoas que falam, do lugar da fala na política. Isso parecia muito longe para alguns! [Parecia] que eu deturpava a história oral. Mas, por outro lado, eu te devolvo a pergunta: para que fazer história oral? Ela faz bem? Ou não faz nada para as pessoas que falam?

RS – Ah, eu acho que certamente faz!

MMLV – E isso é da ordem de quê? Da verdade científica? É sim. Mas que ciência? Que saber que vem [de uma entrevista]? Que benefício faz as pessoas falarem? Não só para elas, mas para a sociedade?

RS – Mas essa ação curativa...

MMLV – Não. Não chega a ser cura. É cuidado. A linha da psicanálise não pretende curar, mas ela pretende cuidar.

RS – É um cuidado individual no nível do indivíduo ou da coletividade?

MMLV – Então, é outro [problema]... Vou te dar um exemplo. Aqui em [Ribeirão das Neves] a minha companheira tem um pequeno grupo. Ela faz parte do que se chama Recid, Rede de Cidadania. É um programa do Governo Federal que é financiado basicamente pela Petrobras. O dinheiro vem de lá e é para promover, organizadamente, a cidadania. O Gilberto Carvalho tem a ver com isso. É uma decorrência dos movimentos sociais, mais ligado à Igreja Católica. A Recid faz as duas coisas: faz o que é bom fazer e o que é necessário fazer, que é ouvir a população, reforçar grupos, para o pessoal aprender a pensar, a definir. E aqui trabalhamos dentro desta perspectiva com movimento, que a origem é Paulo Freire, que chama MOVA, Movimento de Alfabetização. Nesses bairros aqui do lado – você veio de ônibus, você viu o tanto de bairros que tem? – hoje tem 120 mil pessoas morando. Nós os chamamos “os amigos da 040”.

RS – Os amigos do quê?

MMLV – Da [BR-]040. Porque tudo que une separa ao mesmo tempo. Tem o centro de [Ribeirão das] Neves aqui [de um lado da rodovia], para atravessar [para o outro lado] foi uma luta! Acho que reivindicamos passarelas durante quatro anos. Parece bobagem, mas numa pista [não é]. Então, tem esses grupos, e são bastante.

Eu assisti à formatura [deles]. Você tinha que ver a alegria do pessoal: havia 120 pessoas que nunca tinham escrito nome! Mas isso é a dimensão pessoal. Só que as pessoas começam a se perguntar – enfim, a partir das palavras. Uma, por exemplo, está lendo o livro do Dazinho. Ela veio aqui em casa e falou assim: “Nossa, eu estou louca pra ler! Agora que sei ler!”. Dei o livro do Dazinho e ela já tinha chegado à página 50, anotando todas as palavras. Daí tinha duas palavras que ela não conseguia entender: *accionamento*, que é italiano, e a outra era estrutura ou superestrutura, uma coisa assim. Mas olha isso! É um grupo que tem uma liderança, né?

E um belo dia [eles falaram]: “Michel, você não poderia dar aulas sobre história oral pra gente?” Eu falei: “Posso, sim”. Então já começamos a primeira [aula]... Você tem que ver a ligação que o pessoal faz entre o ler, o escrever e, de repente, coisas que aparecem. Eles querem mais [aulas] agora, então eu teria que falar mais da parte da tecnologia, se quiser entrevistar, interpretar e restituir. Isso me dá um prazer enorme, porque acho – isso eu sempre falo – que *aprendemos* a entrevistar. Não somos bobos para chegar de qualquer jeito... Por isso, o que você está fazendo é fundamental: tem que entrar no jogo e ver o que [o outro] vai te falar. E além disso, transcrever e analisar. Não é análise do discurso. Enfim, são as questões que enfrentamos teoricamente. [Até] o Bourdieu, que tinha metido o pau na questão da biografia, escreveu o calhamaço que você conhece, *A Miséria do Mundo* – tudo à base de entrevistas. Eu tenho aqui quase todos os livros dele. Ele ajudou. Ajudou muito. Só que não sabemos até hoje, ou estamos aprendendo, a restituir.

RS – A restituição.

MMLV – Gosto muito do [José Carlos] Sebe [Bom Meihy] e do grupo da [USP]. Aliás, tenho grandes amigos e amigas lá no grupo dele. Finalmente ele está também [pensando nisso], mas não tem nada a ver [com a sociologia clínica].

Mas tem que terminar [o trabalho com a entrevista] primeiro [antes de restituir]. A entrevista precisa ser trabalhada. Tornar um texto legível sem deformar o pensamento. Então depois [vem] o [Alessandro] Portelli, que é o meu mestre.

RS – Então você leu os trabalhos dele.

MMLV – Nossa! Tudo que posso pegar dele [eu leio]... Ele construiu o que a gente de fato pensava.

Agora, restituir ou já trabalhar história oral como destinada a um grupo que está em processo de crescimento, que é o caso desses alunos que toda noite, cinco dias por semana, vão às oito horas da noite com monitoras, passam lá uma hora, duas horas... Os monitores são pagos – pouco, mas são pagos. É um trabalho sério. Tem seminários [sobre] o que fazer agora com [o resultado da pesquisa]. [Sobre] para quem você escreve, que é a outra questão que muitas vezes é maltratada. Ninguém se preocupa... Mas para quem você tá escrevendo? E pra quê?

A outra coisa que eu te queria – precisava – te falar, que às vezes me faz também ser meio estranho, [é] que por histórias da família, das guerras, fui alfabetizado em bretão, falei francês, chego aqui, e falo português. A psicanalista ficou doida, né? “Você fala três línguas! Você sabe agora a importância da língua!”. Então, temos que saber primeiro, princípio básico: você não vai se meter na vida dos outros sem ter uma demanda dos outros, sem ter essa demanda. Isso é a base da sociologia clínica! Você não vai chegar na casa de alguém e dizer: “Toma nota, você tá doente, você precisa de cuidados”. Primeiro a pessoa tem que manifestar isso para você... Ela [a demanda] já tem que aparecer. Isso é muito importante! E, portanto, o produto final vai ser dela também. É a restituição! O Dazinho não leu o livro que escrevi sobre ele; já estava também mais do que paralítico... Mas não é isso. Não é a leitura, assim...

RS – Não é isso a restituição...

MMLV – Não é! A pessoa falou, foi escutada, criou um pensamento, acrescentou alguma coisa à sociedade. Então, de fato, [a entrevista] é uma formação política. É isso que tentamos trabalhar com qualquer pessoa. Mas de onde vem o dinheiro? Vem da Petrobras, mas porque é estatal e quer o propósito nosso de compreensão do avanço da democracia. É isso. Todo mundo tem direito a falar. Eles já estão felicíssimos porque estão aprendendo a ler e escrever. Conversam com o marido hoje, antes não conversavam. Os filhos perguntam: “Onde você vai toda noite, mãe?” [risos]. E isso... são essas coisas.

RS – *É uma mudança mesmo, não é?*

MMLV – Uma mudança radical. Em ano de eleição, é evidente que o assunto [da política] entra, vem um candidato a vereador... Mas tem muitos lá no bairro, e eles começam a juntar. Quem me ajudou muito foi o Edgard Morin, que fala: pensar é religar as coisas. Porque falar pelos cotovelos também não resolveria, né? Ah, [esse trabalho] foi muito, muito, muito bom. Agora, é uma história oral meio vagabunda, né? No sentido de não ter todas as formalidades. Mas o essencial é que tem que ter uma demanda. Tem que ter uma possibilidade de continuidade, da pessoa entrar num processo que ela vai ter condições de falar dela mesmo, da família. Essa questão que é horrível, por exemplo, da pedofilia – o fato é que as pessoas falam! Mas falamos pouquíssimo. Falamos como crime, [não como experiência]. O que hoje então ao mesmo tempo se criou [foi] o grupo “Mulheres Falando”. Outro dia falei uma coisa tão boba assim, mas que me veio [à cabeça]: “Quem é que *fala* numa periferia assim?” Então falaram: “O pastor”. Porque está cheio de igreja! Não sou contra as igrejas. Mas eles poderiam se calar de vez em quando e deixar o povo falar, né? E a Igreja Católica é a mesma coisa.

RS – Eu também já te ouvi falando que a história oral também *é* um pouco uma possibilidade de religar os conhecimentos.

MMLV – *É.*

RS – Queria que você me falasse um pouco dessa sua visão, disso que estávamos conversando antes de começar a gravar: sobre o lugar na história oral dentro dos saberes científicos.

MMLV – Dentro dos saberes e dentro da ciência. É relativamente simples: é uma visão política. Política no sentido do poder. Quem é dono da palavra não é poderoso? Quem não sabe escutar não é, também, poderoso? Não quer escutar?

Com o grupo com quem fomos presos, ficamos sem nos encontrar durante 40 anos aqui em Belo Horizonte, e agora estamos escrevendo a nossa história, 40 anos depois. Com isso fui... Depois que aposentei, me dei o direito também de sair um pouco da universidade. Trabalhei na ouvidoria de polícia, antes do Aécio [Neves].¹⁰ Dois anos. Com o Itamar [Franco] era mais fácil fazer as coisas.¹¹ Itamar era mais humano, e também não pretendia organizar tudo igual a uma pirâmide. Aécio acabou com as ouvidorias. A ouvidoria *de* polícia, primeiro, virou ouvidoria *da* polícia. Então eu [pensei]: “Bom, [mas] já tem a corregedoria da polícia”. E havia ouvidorias do Banco do Brasil, do comércio... O que que ele fez? Nomeou um ouvidor-geral, porque ele

¹⁰ Aécio Neves foi eleito governador de Minas Gerais em 2002 e reeleito em 2006, pelo PSDB. Seus mandatos duraram de 2003 a 2010, quando renunciou ao cargo para concorrer ao Senado.

¹¹ Itamar Franco foi eleito governador de Minas Gerais em 1998, pelo PMDB. Seu mandato durou de 1999 a 2003.

governa em pirâmide. Então, a ouvidoria de polícia não tem mais lugar, porque está aqui embaixo.

[Antes], por incrível que pareça, era mais fácil falar com a Polícia Militar do que com a Polícia Civil. Quase que eu virei professor na Academia de Polícia [Militar]! Quase! O que que é o depoimento – olha as palavras que a polícia usa – se não tem tudo a ver com a fala. A gente iria para trabalhar isso, mas depois o Aécio cortou tudo

RS – O projeto foi cortado.

MMLV – Mas eu queria te falar uma coisa sobre a história da instituição da história oral. Até [19]89, [em] Minas, a gente não falava muito de história oral. E talvez também a nível nacional. É claro que o CPDOC foi o primeiro grupo com capacidade de montar o esquema e produzir, então, mais dos mortos... Eu prefiro trabalhar mais com os vivos. Uma coisa não é contra a outra, só que são metodologias diferentes.

RS – Com os mortos?

MMLV – [Com] os generais da década de [19]30. O CPDOC começou com...

RS – Com os arquivos.

MMLV – Com os arquivos. Sempre para acrescentar conhecimento à história oficial. À história, digamos, com H grande, né?

Mas eu peguei gosto da história oral quando saí da Escola Sindical, e tinha mais tempo. E fui num encontro. Quem me ajudou muito foi o pessoal da Fiocruz, do Rio, um bom grupo que tem lá. Desse eu gosto. Me convidaram a fazer parte da organização da história oral como instituição e fui nomeado, escolhido [como diretor da Associação Brasileira de História Oral] do Sudeste.

Eu fui ao Rio, passei um bom tempo conversando com o pessoal da Fiocruz. Lá me empenhei, então, a sair um pouco dessa mineiridade chata e abrir para o mundo, né? Mas eu fiquei feliz, realmente... Era encontro regional, encontro nacional... A gente ia. Me dava muito bem com o pessoal de Campinas,¹² [tinha] amizade com os [pesquisadores] da sociologia rural.¹³ Tive dificuldade, de início, a me aproximar do grupo do Sebe. Achava ele radical, em certo sentido. Primeiro em termos de transcrição, né? Eu achava isso [uma] falta de situação histórica. O André, por exemplo, escreveu sobre os espanhóis, mas ficava muito na história e pouco sobre a oralidade.¹⁴ Mas deve ter acontecido alguma coisa lá, estou achando mais aberto... Trabalhei muito com [Andrea] Paula [dos Santos]. Trabalhamos muito com MST.

¹² Refere-se aos pesquisadores então organizados em torno do Centro de Memória Unicamp (CMU), sob liderança de Olga de Rodrigues Moraes von Simson.

¹³ Refere-se ao Centro de Estudos Rurais e Urbanos da Universidade de São Paulo (Ceru/USP).

¹⁴ Refere-se a André Gattaz e ao livro *Braços da resistência: uma história oral da imigração espanhola* (1996).

Lamento que a revista de história oral sumiu.¹⁵ Tem os congressos, sim, mas as ligações que tinha, de fato não consegui [manter]. Eu defendi em Tiradentes que o movimento de história oral – eu chamo mais um “movimento” de história oral do que “associação”, porque quero alguma coisa que vá andando – não ter medo de fazer também grandes narrativas. Não só a história de um mineiro que virou [alguma outra coisa], mas como que o mundo anda. Hoje, pelas questões éticas que eu estou vendo, esse consumo que tem consumido todos, a televisão que é duma pobreza indigente, acho que seria [importante].

RS – Você tem circulado nesse movimento de história oral?

MMLV – Ultimamente não. Pouco. E depois que aposentei, falei: “Ah, vou correr o mundo”. [Foi aí] que fui na polícia. Mas gostei. [Trabalhava com] o direito à denúncia na polícia, [que] era na base de uma entrevista. Mas a entrevista era um estagiário da PUC, sentado frente a um computador, interrogando a pessoa para saber aonde e em que categoria que ele ia colocar o crime cometido contra ela. Eu falei: “Não, não pode ficar só nisso”. Por isso que também a história oral incomoda muito.

Eu tenho, ainda não foi publicado, [um trabalho sobre] como se criou no Brasil as ouvidorias de polícia. E São Paulo é pioneiro nesse ponto, com [o governo de Mário] Covas. Ele que criou a primeira. Aqui [em Minas Gerais] foi mais ou menos uma cópia disso. Então, a história oral estava, ou ainda espero que vá avançar, penetrando nos segredos do poder, nos lugares que estão no limite do público e do privado. Acho que temos que avançar mais. Dar a palavra ao povo. De maneira séria.

Quando eu trabalhava como assessor da ouvidoria de polícia – olha a palavra: ouvidoria – eu me cansei de fazer entrevistas com quem subia de chinelo os quatro andares pra dizer: “fui atacado pelo galo”, “policial me bateu”, “polícia matou meu filho”. Cansei de escutar isso e de ficar lá registrando, e falei com o ouvidor: “O ano que vem [continuo a] trabalhar aqui, mas eu quero entrevistar fora daqui, onde tem margem de crime, de problema com a polícia, para ir diretamente ouvir a testemunha, ou a vítima, e não ficar só dentro da instituição”. E fiz uma entrevista pra mostrar pra eles. Nossa! Eu tenho hábito de andar em favela e escolhi [fazer] essa numa rua que eu sabia que tinha [problemas]. Fui muito bem recebido, mas na véspera um filho tinha sido morto na porta de casa. E eu falei: “Não, então desculpe...”. [Mas a mãe disse:] “Eu quero falar”. A mulher contou o que era a vida deles, desde que casou, com filhos... Corajosa. Mas você tem que gostar e tem que circular... Sair... [Fazer entrevistas] nos acampamentos, nos assentamentos, na agricultura familiar, foi tão interessante! Eu aprendi o que era a natureza do sertão assim e aprendi demais lá.

RS – Michel, você se aposentou em 1996, não é? Então, várias dessas coisas que você está me falando foram desenvolvidas depois da aposentadoria. Elas não se conformam

¹⁵ Refere-se à cessação da publicação em papel da revista *História Oral*, a partir de 2010.

muito bem nem com a estrutura da vida acadêmica, nem com os cânones científicos. O ambiente universitário teria propiciado isso?

MMVL – São divergentes, né?

RS – Um divergente assumido?

MMLV – É! Mas muito amigo, ao mesmo tempo, da Lígia, da Lucília, que foi para Brasília. Cada um, também, não vai ficar batendo a cabeça em muro. Mas até há pouco tempo eu tinha a chave da sala de história oral. O pessoal me considerava como da história oral. Era o único lugar que eu frequentava. Mas me roubaram o molho de chaves e a chave da sala estava lá! Agora passei a pedir outra. Eu sonho em retomar um grupo, né? Mas é tão difícil... Não entendo. É tão difícil!

RS – Você perguntou antes: pra que é que a gente faz história oral? E você falou que história oral é uma ação, mas...

MMLV – Tem uma coisa que é a verdade: a produção acadêmica é subserviente a uma ideologia, a uma prática de publicar artigos, à quantidade de artigos publicados... [Mas] a história oral não combina com produtivismo, né? Não combina.

RS – Precisa de tempo...

MMLV – Tempo! Espaço! Você não vai fazer história oral nas escadas duma casa – pode [até] fazer, mas eu cheguei a escrever que é também um movimento solene. Eu lembro do Dazinho: ele chegava de pijama, pijama limpinho. A mulher dele tinha preparado a mesa. Ele ficava falando como se fosse falando a Bíblia, sei lá, um troço meio espiritual, sabe? Não sei... Você está na frente de um monumento! Você vai chegar lá de chinelo? Não! O Portelli insiste muito sobre isso. Falar que não faço um teatro? Falar é um teatro. Falar é um teatro, sim. Dizer que você fala a verdade? Não. Você *se* representa ou representa o outro. Guimarães [Rosa] diz que viver é perigoso, mas a palavra é perigosa. Mas, agora, [fazer história oral] por quê? Eu não vou dizer que me afastei da história oral, mas eu quis experimentar outras coisas. Tem uma que já está praticamente pronta, tá saindo... [mostra um manuscrito]

RS – Eu vi a sua apresentação sobre isso no Rio de Janeiro.

MMLV – É a história do processo sobre me tornar brasileiro.

RS – “Michel Marie Le Ven: da prisão à anistia”. É uma autobiografia?

MMLV– É. Eu juntei textos e a introdução é minha. [Mas é minha] história de vida, você vê? É [no formato de] um tipo de processo [jurídico], e a advogada aprovou. Um dia ela falou: “Você fez todo o meu trabalho”.¹⁶ Porque é isso: instruir um processo. Agora, eu não queria ficar só na [temática da] prisão. Então, agora tem que costurar. Muita gente diz: “Publica do jeito que está”. Porque faço parte Associação da Memória da Anistia. São 70.000 processos, e seria o tipo [de trabalho] que a gente faria com outros. Um trabalho de ir juntando as coisas.

[Sobre isso] também [fui entrevistado] pelo Governo Federal, pelo Ministério da Justiça, pela Maria Paula [Araújo], da UFRJ. Com a Comissão da Verdade, em Brasília também, [mas] é outra linha.

RS – Michel, você já deu aulas de história oral, *não é? Já ensinou pessoas a fazerem história oral e está fazendo isso agora.*

MMLV – Ah, claro! Ah, isso é uma boa pergunta que pouca gente dá valor, mas criamos [cursos]. Eu sou professor. Pesquisador, se você quiser. [Mas] eu sou professor. Gosto disso. Desde os 30 anos eu fui professor. Então, quando o Núcleo de História Oral, que se chamava Programa de História Oral, na época, foi se fortalecendo, eu passava quase todas as tardes na sala de história oral. Toda quinta-feira, de duas às quatro, quatro e meia, era uma leitura coletiva de livros de história oral.

Agora, dar aula mesmo? Não tinha. No Departamento de História não tinha história oral e nem se podia falar no corredor. A nossa sala era chamada de “a sala dos aposentados da Fafich” [risos]. [Falavam:] “Os aposentados estão ocupando uma sala há tantos anos! E não sai nada!” [risos]. Então nós sofremos muito.

RS – Mas o que você acha importante ensinar para uma pessoa que está começando a fazer história oral?

MMLV – Eu já fiz isso, em certos grupos: você pega o Evangelho e... Você lê o Evangelho?

RS – Não, eu não leio.

MMLV – Não? Mas enfim, você poderia pegar outra coisa, literatura... Leia Machado de Assis. E no Evangelho de São Lucas é muito claro. Ele diz o seguinte: “No ano 60 [d. C.]...”. 60 anos é muito tempo pra guardar na memória, né? Então começa assim: “Eu sei que já escreveram, juntaram, que vocês foram atrás das testemunhas que viveram os grandes acontecimentos que aconteceram no mundo, e eu agora, também, a partir dos

¹⁶ O manuscrito é uma espécie de dossiê documentando a trajetória de Le Ven no Brasil, com testemunhos de amigos e colegas, recortes de jornais e escritos autobiográficos. Até onde se sabe, o dossiê não foi publicado. Em 2017, porém, Le Ven publicou, em parceria com Rosely Carlos Augusto, o livro *Memórias vivas de 1968: a prisão dos padres franceses e do diácono brasileiro em Belo Horizonte*, que inclui sua própria história, além de testemunhos de mais de duas dezenas de outras pessoas perseguidas pela ditadura militar brasileira.

vossos testemunhos, vou também escrever sobre a vida de Cristo”. O que é mais história oral do que isso? “Vocês ouviram, vocês transmitiram e eu agora vou escrever”. Se você pegar a história das instituições, as leis... tudo nasce de um desejo, e ele se comunica. Agora, o que é mais difícil é pensar: afinal, pra quem eu quero escrever isso? Quem vai sintonizar com [o que eu escrevo]? Tem que estudar a memória. Tem que voltar a ter consciência da memória. No Brasil dizem que não temos memória. Isso não é verdade, mas é impressionante como os donos do poder são muito espertos para matar a memória, não é? Todo ditador começa por matar a memória. O Getúlio, é evidente, teve que chamar isso [de] *Consolidação* das Leis Trabalhistas – as leis trabalhistas já existiam, não é? [risos].

Eu, pessoalmente, sou um cara silencioso... e minha família [também]. A minha região, na França, é uma região de poucas palavras. Fui alfabetizado em bretão, que é a língua dos países celtas, e inclusive [só] aprendi o francês na escola. E tem o silêncio, né? É... eu sou mais um cara silencioso. E gosto demais de conversar, acredita? É meio contraditório, mas é. Mas tomei muito o seu tempo, não é?

RS – Imagina! Eu é que tomei o seu, Michel. Te agradeço muitíssimo pela...

MMLV – Não. É bom, é bom.

RS – Foi muito bom ter te ouvido, você é uma pessoa de quem todo mundo gosta!

MMLV – É recíproco, né? Eu gosto também de muita gente.

Referências

BALÁN, Jorge (Org.) *Las historias de vida en ciencias sociales*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

GATTAZ, André. *Braços da resistência: uma história oral da imigração espanhola*. São Paulo: Xamã, 1996.

LE VEN, Michel Marie. Estudo de seis favelas e quatro bairros populares de Belo Horizonte. *Praxis*, Belo Horizonte, p. 19-39, 1975.

LE VEN, Michel Marie. *Afeto e política – metodologia qualitativa: história oral de vida e sociologia clínica*. Colaboração: Inês Assunção de Castro Teixeira e Dilma Fróes Vieira. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/Linha Editorial Tela e Texto, 2008.

LE VEN, Michel Marie. *Dazinho: um cristão nas Minas – Minas do ouro, minas d’água, minas de gente... 2. ed.* Belo Horizonte: O Lutador, 2005.

LE VEN, Michel Marie. *Dazinho: um cristão nas Minas*. Belo Horizonte: CDI, 1998.

LE VEN, Michel Marie. *Trabalho e democracia: a experiência dos metalúrgicos mineiros (1973-*

1986). Tese (Doutorado em Ciências Políticas) – USP, São Paulo, SP, 1988.

LE VEN, Michel Marie; AUGUSTO, Rosely Carlos. *Memórias vivas de 1968: a prisão dos padres franceses e do diácono brasileiro em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2017.

LE VEN, Michel Marie; FARIA, Érika de; MOTTA, Miriam Hermeto de Sá. História oral de vida: o instante da entrevista. In: VON SIMSO, Olga Rodrigues de Moraes (Org.) *Os desafios contemporâneos da história oral – 1996*. Campinas: CMU Publicações, 1997. p. 213-222.

NEVES, Lucília de Almeida. *CGT no Brasil (1961-1964)*. Belo Horizonte: Vega, 1981.

NEVES, Lucília de Almeida; LE VEN, Michel Marie. Marzagania: fábrica, vila operária e movimento sindical. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte, v. 73, p. 155-172, 1991.

SANTHIAGO, Ricardo. *Método, metodologia, campo: a trajetória intelectual e institucional da história oral no Brasil*. Tese (Doutorado em História Social) – USP, São Paulo, SP, 2013.

SANTHIAGO, Ricardo. Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, um pioneiro da história oral no Brasil. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 221-239, 2015.

SHIKIDA, Aparecida Maciel da Silva. *Informação, história e memória: a constituição social da informação em relatos orais*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – UFMG, Belo Horizonte, MG, 2005.

Recebido em 20/12/2022

Aprovado em 09/01/2023